

A autoria feminina na construção literária do espaço social

Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea.

DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (orgs.).

Porto Alegre: Zouk, 2015. 288p.

Categoria multidisciplinar por vocação, o espaço, na abrangência de sua complexidade, constitui-se como fenômeno de investigação

obrigatória para o entendimento das composições e embates que forjam o Brasil contemporâneo. Associadas ao espaço geográfico, cujo solo partilham, coadunam-se as práticas sociais responsáveis por sua investidura simbólica. A modelação do espaço nacional, bem como o imaginário que nela ativa as potencialidades, segue, portanto, como matéria passível de disputa, dadas as assimetrias que impedem lógica de funcionamento equânime e, por isso, exigem intervenção política no trabalho de atribuição de sentidos. A (re)produção ininterrupta da dominação masculina faz-se, como se sabe, eixo a cingir tanto o desenho dos espaços físicos

quanto as estruturas mentais tributárias de um aparato ideológico mais ou menos resiliente às demandas tornadas possíveis. No livro *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*, as organizadoras Regina Dalcastagnè e Virgínia Maria Vasconcelos Leal, que também assinam capítulos próprios, oferecem mostras extensivas e exigentes, a partir da reunião de textos críticos de doze pesquisadoras, de como a literatura contemporânea de autoria feminina participa desse cenário no Brasil e, justamente na esfera literária, tão marcada pela exclusão de gênero,¹ vai dispor de modo diverso e sintomático dos ecos discursivos do espaço social.

Tida como refratária ao consumo rápido e irreflexivo, os estudos literários têm feito, em boa parte das vezes, no extenso material crítico produzido graças à expansão universitária e à profissionalização da pesquisa das últimas décadas, um elogio aberto à literatura em que o objeto de estudo é formulado crítica e teoricamente de modo a ressaltar a novidade de certo repertório insuspeito e indômito. Tal valorização também está presente em *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*, em que a autoria feminina é, muitas vezes, vinculada à capacidade subversiva de sua visada, interna às questões que quer elaborar.

Surgem, assim, personagens avessas à fixidez dos velhos papéis de gênero e que são, portanto, efeito das conquistas feministas e também agentes simbólicos produtores de diferença tanto no espaço formal das obras, que tende a balizar tais movimentos, quanto na “geografia” extraliterária.

No entanto, o mérito crítico do livro encontra-se mais na aguçada percepção das interseccionalidades, estas ainda majoritariamente *estáveis*, que vão produzir gênero, geográfica e subjetivamente, a partir de quadros sociais (específicos) de raça, classe e orientação sexual. Desse modo, a “relativa ausência de uma tradição literária de obras de autoria feminina”, sublinhada no artigo de Adelaide Calhman de Miranda,² ou a ausência de “uma linhagem que tanto faltou às mulheres criadoras ao longo da História”, como afirma Maria Graciete Besse em capítulo sobre a obra da escritora Adriana Lunardi,³ restam radicalmente contextualizadas quando referidas à literatura afro-brasileira, à literatura marginal periférica ou às representações de personagens lésbicas. Sobrepõem-se, nesses casos, contingenciamentos que desvelam a construção das diversas discriminações de gênero em espaços frontalmente opostos, cuja perversa complementariedade aponta para

outros abismos; agora, já no interior da própria autoria literária feminina.

Por conseguinte, a escassez de modelos de identificação na tradição literária de autoria feminina é ainda mais flagrante quando se trata das populações negras. Atenta a esse traçado histórico, Regina Dalcastagnè, no capítulo “Mulheres negras e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea”, recupera a importância da escrita de Carolina Maria de Jesus e, por exemplo, “o impacto da leitura de *Quarto de despejo* em outras mulheres, negras e pobres como a autora”.⁴ Como sugere a crítica:

[...]isso não significa a reivindicação de qualquer ideia de autenticidade. O que está em questão é a perspectiva social de quem fala, ou escreve [...]. Assim, negros e brancos, mulheres e homens, trabalhadores e patrões, velhos e moços, moradores do campo e da cidade, homossexuais e heterossexuais vão ver e expressar o mundo de maneiras diversas. Mesmo que outros possam ser sensíveis a seus problemas e solidários, nunca viverão as mesmas experiências de vida e, portanto, enxergarão o mundo a partir de uma perspectiva diferente.⁵

No capítulo intitulado “A voz e a letra da mulher na literatura marginal periférica: figurações e reconfigurações do eu”, a pesquisadora Lucía Tennina aprofunda o debate a partir de análise extensiva da difícil inserção feminina no campo literário marginal da periferia de São Paulo. Tennina identifica nas poéticas de Elizandra Souza, Raquel Almeida e Dinha reações ao “lugar relegado” que ocupa a mulher inclusive nos discursos de seus colegas escritores de periferia, voltados apenas, na maior parte das vezes e, portanto, de maneira estreita, à luta contra a opressão de classe.⁶ A perspectiva feminina é responsável, aqui, logo se vê, por complexificar, a partir das injunções de gênero, o raciocínio político contra-hegemônico que, também, caso não renovado, sofre com a mesma razão inercial tão denunciada nas classes proprietárias.

O radical perspectivismo elaborado pela crítica feminista da literatura brasileira, que, como indica Tânia Regina Oliveira Ramos no capítulo “Começar de novo: a escrita feminina na zona do afeto”, tratar-se-ia de, “sob o signo da resistência”, operar “a literatura e a escrita feminina como eixo de todas as leituras”,⁷ sedimenta-se sob dupla rasura ao *establishment* masculino quando a temática lésbica é trazida para o centro das composições literárias. No texto “De trajetórias e conflitos: lesbofobia e espaço em contos de autoria feminina”, Virgínia Maria Vasconcelos Leal

enfrenta a questão seguindo lúcida leitura do campo literário brasileiro, em que dois selos editoriais selecionados pela pesquisadora – edições GLS e Nandyala (“ambas marcadas por um projeto político de visibilidade de grupos marginalizados”) – iluminam em si todo o sistema de relações e posicionamentos do qual são parte periférica e nicho comercial.⁸ Em relação à escrita das três autoras que, nos contos escolhidos pela crítica, elaboram formalmente a experiência lésbica, Leal infere:

Pode-se perguntar quem são Ana Paula El-Jaick, Lúcia Facco ou – um pouco menos – Conceição Evaristo. Seus livros não são encontrados nas vitrines das grandes livrarias, terão que ser encomendados ou comprados em estandes de congressos e feiras de livros. Isso tudo, ainda na perspectiva de campo literário, determina a forma pela qual suas obras são lidas, seu público leitor, sua possibilidade de resenhas em jornais, suas possibilidades de tradução, sua perspectiva social, entre outros aspectos.⁹

O volume conta ainda com importante contribuição de Sandra Regina Goulart Almeida, cujo artigo “Mobilidades culturais, geografias afetivas: espaço urbano e gênero na literatura contemporânea” produz abrangente revisão teórica da questão espacial aliada aos trânsitos geopolíticos atuais. Igualmente importante é o aporte de Lúcia Osana Zolin no capítulo “Espaços (des)interditados: o lugar da mulher na narrativa de autoria feminina paranaense contemporânea”, em que, a partir de um levantamento estatístico, a estudiosa identifica regularidades nada animadoras, apontando para persistências ideológicas na construção literária feminina de representações de gênero. Já em “Entre muros e abrigos, o lugar de corpos femininos no romance contemporâneo”, Edna Cristina Alencar de Góis traça instigantes paralelos entre a literatura de autoria feminina e as artes plásticas, com base em obras da portuguesa Ana Vieira e das brasileiras Brígida Baltar e Elida Tessler.

Claudia Junqueira de Lima Costa fecha o volume com “Feminismos descoloniais e a construção de ‘saberes próprios’ nas zonas de contato/tradução”, texto central para *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*, capaz de iluminar retrospectivamente todos os capítulos do livro, posto que aprofunda a perscrutação das interseccionalidades tão caras às construções simbólicas empenhadas em revisitar de modo crítico o espaço social. É que a literatura de autoria feminina mais consequente com as razões assimétricas de seu funcionamento, no difícil caminho propositivo, e

mesmo *afirmativo*¹⁰ que escolheu para si, tem, na “ferida colonial” apontada por Costa,¹¹ a dimensão do desafio a enfrentar; o que passa, segundo a teórica, pela descolonização do feminismo e sua necessária “amefricanização”, formas poderosas de, nos termos de Mágara Millan, “diminuir a força fundante que o capitalismo inflige à nossa cotidianidade”.¹²

Notas

¹ Para a regularidade numérica dessa exclusão quando se trata de romances publicados nas três casas editoriais brasileiras com maior poder de impacto simbólico e difusão, ver DALCASTAGNÉ, 2012, p. 147-196, especialmente p. 158.

² Cf. “Memória e cidade na narrativa brasileira contemporânea de autoria feminina”. In: DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 85-115, especialmente p. 86.

³ Cf. “Espaços e heranças na obra de Adriana Lunardi”. In: DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 219-237, especialmente p. 220.

⁴ In: DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 41-55, especialmente p. 48.

⁵ In: DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 42-43.

⁶ In: DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 57-83, especialmente p. 60-64. Tennina refere-se ao exemplo de *Capão pecado*, primeiro romance de Ferréz, cuja representação chapada de mulheres da favela (Capão Redondo, em São Paulo) salta aos olhos. Segundo a pesquisadora: “Nenhum dos personagens femininos que aparecem no romance de Ferréz mostra a mulher periférica para além do esquema de gênero, e esta característica se pode verificar na maior parte dos textos dos escritores homens da literatura marginal. É evidente que a preocupação maior está na dominação de classe e não na dominação de gênero”.

⁷ In: DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 185-196, especialmente p. 187 [grifo nosso].

⁸ In: DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 117-131, especialmente p. 118-119.

⁹ In: DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 119.

¹⁰ Cf. “Começar de novo: a escrita feminina na zona do afeto”, de Tânia Regina Oliveira Ramos.

In: DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 185.

¹¹ In: DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 257-284, especialmente p. 260-261.

¹² COSTA, apud DALCASTAGNÉ; LEAL, 2015, p. 266.

Referências

- DALCASTAGNÉ, Regina. “Um mapa de ausências”. In: _____. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte/Rio de Janeiro: UERJ, 2012, p. 147-196.
- DALCASTAGNÉ, Regina; LEAL, Virginia Maria Vasconcelos (orgs.). *Espaço e gênero na literatura brasileira contemporânea*. Porto Alegre: Zouk, 2015. (Coleção Estudos de Literaturas Contemporâneas)

Gabriel Estides Delgado ■
Universidade de Brasília (UnB)